Aron Feldman

EXPOSIÇÃO
3 A 28 DE FEVEREIRO

CICLO DE FILMES
4 A 7 DE FEVEREIRO ÀS 19 HORAS

DEBATE
7 DE FEVEREIRO ÀS 20 HORAS

...Oliveira e Cleide Dell'Olio em
...re Nossa de Cada Dia

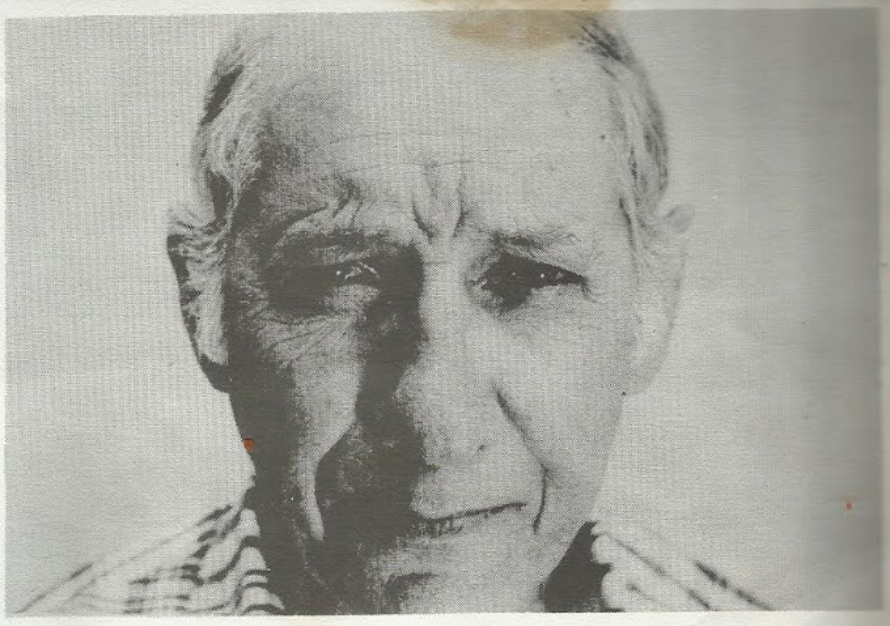
Apresentação

Desde a sua criação em 1975, a equipe técnica de cinema vem procurando identificar e desenvolver temas relacionados com a atividade cinematográfica nacional, sem se ater a modismos culturais ou eventuais aspectos nobres do objeto de estudo. Isso possibilitou, em sua existência de pouco mais de dez anos, contemplar aspectos bastante diversos: do trabalho dos curta-metragistas recém-formados pela USP à história das salas de cinema da cidade; a produção da década de 50, o documentário social dos anos recentes, o universo controvertido da produção da "Boca", o cinema marginal (ou udigrudi), sem esquecer a fantástica obra de Roberto Santos, um profundo admirador do trabalho de Aron Feldman agora apresentado ao público.

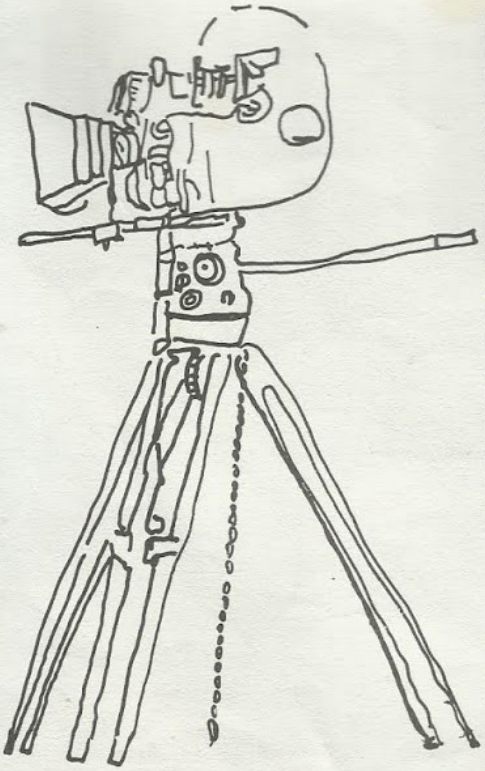
Embora Aron não seja totalmente desconhecido, ele sempre teve um contato fortuito com as platéias cinematográficas de São Paulo. É que seus filmes nunca foram exibidos no circuito comercial. Seu longa-metragem "O mundo de Anônimo Jr" enfrentou problemas junto ao Instituto Nacional de Cinema, em 1970, o que motivou um protesto de Paulo Emílio Salles Gomes contra a insensibilidade dos burocratas instalados numa comissão encarregada de avaliar a qualidade dos filmes brasileiros. "A tal qualidade não foi reconhecida em 'Anônimo Jr.', o que impediu sua comercialização, isto é, seu encontro com a parcela de público popular, à qual se endereçava. Nessas condições, só restou para o filme a audiência mais sabida e limitada dos clubes de cinema (cineclubes) e dos alunos da universidade. O infortúnio tem, em todo caso, o mérito de sublinhar mais uma vez o alheamento e ignorância da comissão carioca que se responsabilizou pela marginalização do filme".

Apesar dos dissabores, da precariedade de produção e do desestímulo, Aron Feldman continuou fazendo seu cinema possível, projetando sua extrema sensibilidade nos temas mais diversos – do mundo das crianças de rua aos perigos da guerra atômica – contando sempre com a colaboração decisiva do filho Cláudio Feldman, responsável pela maioria dos roteiros. E, no esquema familiar, com a colaboração de amigos, ele foi plantando uma trajetória tão significativa quanto pouco conhecida. Poucos sabem, por exemplo, que "Casqueiro", premiado num festival japonês, é exibido em vários países. Ou que "Mangue X Metrô" é um dos poucos documentários sobre a destruição de um sítio histórico da cidade do Rio de Janeiro.

Mas isso não importa muito. Aos 68 anos de idade, Aron continua desenvolvendo uma filmografia pouco convencional, alheia aos apelos de uma dramaturgia estandartizada e com um entusiasmo que poucos cineastas podem exibir hoje em dia. E ele vem aí com novos projetos!



Aron Feldman fala:



Nada melhor, para conhecer Aron Feldman, do que falar com Aron Feldman. Foi o que fez **Albert Hemsi**, *pesquisador da Equipe Técnica de Cinema, do Centro Cultural, produzindo esta entrevista na qual o cineasta volta à infância, percorre a juventude e a adolescência, desemboca na maturidade em Santo André, que adotou como segundo torrão natal.*

Sua passagem pelo interior de São Paulo foi marcante. Os percalços muitos e as desilusões também. Ele conta muitas coisas, a partir da construção de uma **caixinha mágica** *que o despertou para a fotografia. Numa cabina de projeção, descobriu formas em movimento. E dela saiu deslumbrado, traçando o caminho hoje encerrado em vários celulóides. É o que conta para a* **Pauta Cultural**.

Pauta Cultural: Como você se interessou pela fotografia e pelo cinema?

Aron Feldman: Bom, é o seguinte. Nasci no Rio Grande do Sul, desconhecia fotografia, desconhecia até o cinema, não conhecia sequer uma máquina fotográfica. Um dia, meio com dor de cabeça, fui deitar, peguei um travesseiro e me estiquei no assoalho mesmo. Como lá as casas eram de tábua, existiam frestas e eu fiquei olhando minha mãe trabalhar. Ela andava e eu via sua imagem na parede. Passava galinha, eu via os pinheiros. Eu vivia na colônia, onde moravam os imi-

grantes que chegavam no Brasil. No Rio Grande do Sul, eram colonos italianos, espanhóis, portugueses, alemães. Meu pai veio da Rússia, ainda moço e solteiro, com a família. Minha mãe era menina ainda, tinha oito anos, fez o primário e parou porque morávamos numa localidade pequena. Os colonos viviam cada qual com seu grupo e nem falavam português. Foi na colônia israelita que meu pai se casou com a minha mãe, e lá vim eu, claro. Quando a pessoa casa, eles dão uma colônia, um arado, uma carroça, um cavalo, uma vaca, que se fica pagando o resto da vida. É como o BNH, você nunca fica livre daquilo. Bom, vi o reflexo. Então construí uma caixinha, de madeira ou de sapatos, e fiz uma câmara escura. Fiz um buraquinho, uma espécie de visor, para olhar dentro, o que se passava dentro da caixinha. Eu andava com aquela caixinha de lá pra cá e olhava as imagens. Só que desconhecia o processo de fixar. Então pegava um lápis e desenhava... sempre tive aquela idéia na cabeça. Gostei daquele negócio de imagens. Até hoje eu sou visual, vejo as coisas através de imagens. Veio a revolução, nosso gado serviu para alimentar os soldados, que nunca pagaram. Minha mãe foi mordida de cobra, teve onda de gafanhotos, a gente só ia para trás. Então, quando estávamos moços — éramos três irmãos —, resolvemos mudar para a cidade. Forçamos o pai a abandonar aquilo lá... E eu sonhando em comprar uma máquina fotográfica...

A DESCOBERTA

Pauta Cultural: Para que cidade?

Aron Feldman: Bauru, no interior de São Paulo. Foi ali que fundei o Foto Cineclube Bauru e comecei a fazer fotografias, com a minha primeira máquina. Mas nunca estava satisfeito. Tinha a mania de escrever contos. Escrevi dois livros, quer dizer, datilografados e encadernados em forma de livro. E o tema era sempre os problemas sociais do Rio Grande do Sul: a vida dos colonos que plantam trigo, as injustiças que acontecem e o meu jeito, desde pequeninho, de não aceitar coisas erradas. Escrevia roteirozinhos e ia ao cinema. Com aquela curiosidade de saber como é que a imagem se movia. Um dia, o operador me fez entrar na cabine de projeção e me mostrou a seqüência dos quadros...

Pauta Cultural: Foi o primeiro contato de fato com o cinema?

Aron Feldman: ... Bem, comecei então ter a noção de como é o cinema. E vi que meu sonho não era só fotografia, era cinema também... Um amigo, com quem trocava livros, tinha um projetorzinho muito rudimentar, 35mm, que terminou comigo. Aperfeiçoei-o, adaptei-o a uma máquina de costura, porque ele funcionava na base da manivelinha, e comecei a projetar filmes. Fiquei amigo do Alcides Franciscato, que tinha uma empresa de ônibus na região de Bauru. Em Botucatu, ficava a distribuidora Peduti. Então, volta e meia ele trazia filmes... Ah! eu era gamado por cinema. E assim foi indo. Depois, fundei o Foto Cineclube de Bauru com alguns colegas e, com o tempo, conseguimos uma sede, um laboratório e passamos a desenvolver atividades como excursões, cursos e exposições, e quando tínhamos um bom número de fotos, participávamos de exposições nacionais e internacionais. Em 1958, decidi mudar para Santo André, porque naquela época só tinha ginásio em Bauru, e eu queria que meus filhos tivessem a oportunidade de estudar mais. Foi em Santo André que abandonei a fotografia para fazer cinema. De início, um cinema experimental; transferir a imagem fotográfica para o movimento. Sou muito visual, faço um cinema quase que mudo, porque não tenho recursos de fazer cinema sonoro. O meu cinema não tem muita fala. Mesmo **O Mundo de Anônimo Jr.** *tem poucas falas, porque também eu não tinha dinheiro para fazer dublagem, já que o que encarece mais um filme é o som. Então, minha força está sempre na imagem. Comecei a fazer filmes experimentais com trucagens, fiz muitos filmes assim. Nem gosto de passar esses filmes, são filmes intimistas, onde o estado de alma do personagem funciona de acordo com as cores...*

CINEMA E DENÚNCIA

Pauta Cultural: Quantos filmes você fez?

Maria Aparecida Ferreira da Silva em **Mariana, Mariana**

Aron Feldman: Fiz muitos. Mais tarde, abandonei essa linha sem conteúdo, só beleza estética, 16mm, arte pela arte mesmo. Percebi que a beleza não está só na estética, no filme bem acabadinho; a beleza está na verdade que a gente diz. Então fiz **Casqueiro** *e comecei a mostrar a realidade, com um cinema em que a beleza não precisa estar nas cores... Ouvi dizer que o Gláuber Rocha em* **Deus e o Diabo na Terra do Sol** *nem usou a mesma marca de filme virgem, nem sequer usou um rebatedor; porque não é o rebatedor que vai fazer o filme. O cinema italiano neo-realista também era dessa forma...*

Pauta Cultural: Mas a fotografia de *Casqueiro* **é muito bem cuidada.**

Aron Feldman: É que a gente quando sabe fotografar, sai bem, é isso. Mas eu praticamente não dou bola para esta parte, me interessa o que se quer dizer. Um crítico, outro dia, me denominou de "homem-equipe"; eu mesmo iluminava, fotografava, o roteiro geralmente era do meu filho, o filme é feito todo por uma pessoa só. Eu não tenho condições de contratar atores como Paulo Autran ou Fernanda Montenegro. Os atores que trabalham para mim têm a maior boa vontade, não cobram, porque acham que o filme tem seu valor...

Pauta Cultural: O *Casqueiro* **é, então, o primeiro filme que conta, de fato, na sua filmografia?**

Aron Feldman: É o primeiro filme da linha Cinema Novo. Quanto às influências eu não sei. Passei ali no casqueiro, vi aquilo lá, me impressionou. Como os garotos de Belo Horizonte... eu vi aqueles meninos catando lixo, aquela imundície, fiquei impressionado. **Vou Ser Ladrão** *é mais ou menos uma continuação do* **Casqueiro.**

Pauta Cultural: Seu filho Cláudio sempre trabalhou com você?

Aron Feldman: Toda vida. Eu tenho praticamente uma trilogia sobre Santos: o primeiro em tom intimista, é sobre uma moça que morre afogada numa praia da cidade e se chama **A Presença da Ausente,** *quer dizer, ela está ausente mas está presente dentro do personagem interpretado pelo Cláudio... Mas eu não o misturo com os outros que são* **Casqueiro e A Febre Nossa de Cada Dia.** *Os dois últimos eu exibo, mas aquele eu guardei, pois acho que não está dentro da mesma linha. Encostei-o porque é daquela fase experimental, enquanto que* **Casqueiro e A Febre Nossa de Cada Dia** *continuo exibindo.*

O ÚNICO LONGA

Pauta Cultural: E o longa *O Mundo de Anônimo Jr.?*

Aron Feldman: É uma sátira sobre a repressão dos anos 70. Aquele hospício simboliza o Brasil e os enfermeiros com cassetete são a repressão. Como não podia aparecer militar na tela optei pelo simbólico. Aquele grandão poderoso representa, também, o poder militar. O poderoso é derrubado por uma simples lavadeira. Ela dá um pontapé no saco dele e desmorona o poder. Isso é só no cinema mesmo... Esse mesmo ator faz também um americano em **A Febre Nossa de Cada Dia,** *que representa o capital americano na Companhia de Cigarros...*

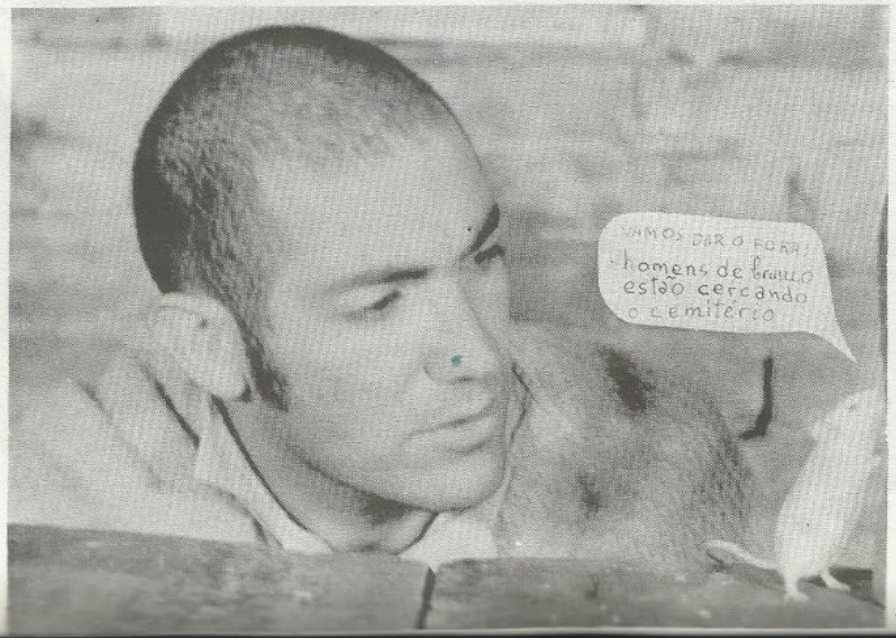
Pauta Cultural: O filme *O Mundo de Anônimo Jr.* **foi concebido para ser exibido nos cinemas?**

Aron Feldman: Foi feito em 35mm para exibição comercial. Você sabe que o Instituto Nacional do Cinema fez uma resolução especial por minha causa? Todo filme nacional precisa receber o certificado de obrigatoriedade de exibição, apesar dos exibidores não gostarem, pois o nosso filme se paga na base da porcentagem, enquanto o filme americano vem com aluguel baixo, já é saldo, é lixo para eles. Então, me negaram o certificado de obrigatoriedade, criaram um outro certificado, e eu fui a primeira vítima do Instituto Nacional do Cinema ao receber o certificado nº 0001, de nacionalidade. Sabe, me fizeram um grande favor, me deram um certificado de nacionalidade: "acusamos por meio deste que o filme **O Mundo de Anônimo Jr.** *de Aron Feldman é filme nacional,". Queria que fosse o quê? Chinês, japonês, italiano? Sou brasileiro, os atores são brasileiros, todos nós que fizemos o filme. Então, nos deram um golpe; depois de mim muitos caíram nesse certificado, mas a primeira vítima fui eu.*

Cláudio Feldman e Cila Albuquerque em **O Mundo de Anônimo Jr.**

Pauta Cultural: E depois de *Anônimo Jr.*, **o que vem?**

Aron Feldman: Depois do caso com **Anônimo Jr.** *que levou o Paulo Emílio a acusá-los até de ignorantes, de não conhecerem a realidade brasileira, eu me disse: sei fazer um filme bem feitinho também, então eu fiz* **Adão e Eva (Já Não se Fazem Almas Como Antigamente),** *mas antes realizei* **Mangue versus Metrô,** *no Rio de Janeiro, sobre a destruição da parte velha da cidade pelas obras do Metrô. Você olha o Rio de Janeiro e pensa que é o Líbano, o Vietnã, parece que está tudo acabando. O filme não tem diálogos, só legendas. Eu não me coloco contra o progresso, sou contra a destruição. Numa outra parte do filme, mostro as famílias sendo despejadas. E o mangue, onde estavam três mil prostitutas. Elas não se deixavam filmar e entrevistar de jeito nenhum, porque às vezes as famílias achavam que elas eram domésticas. Então, entrávamos numa travessinha que não tinha saída, virávamos o carro de frente, e as mulheres corriam atrás, e a gente se arrancava. Eu ficava dentro do carro filmando escondido e a equipe por aí, disfarçando, lendo.*



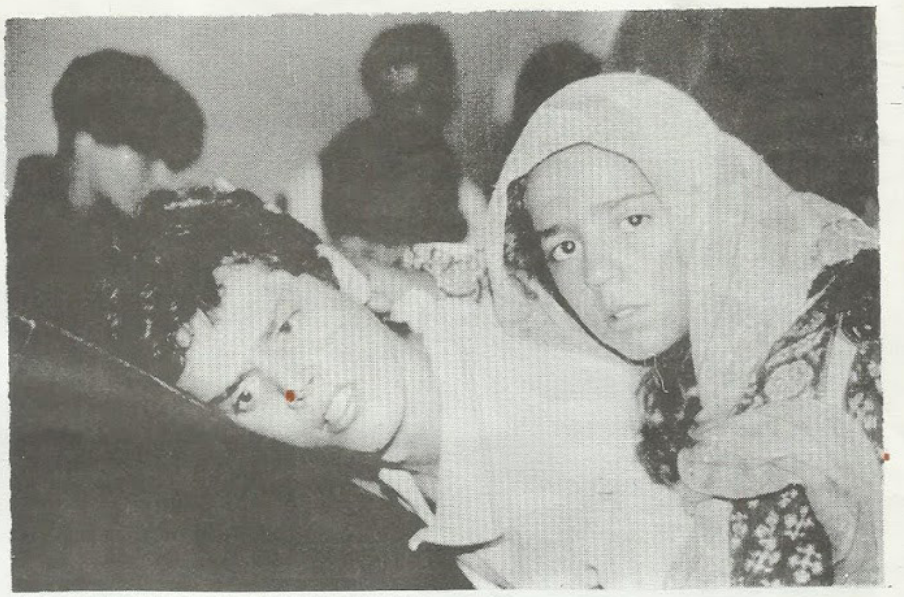
EQUIPE DE AMIGOS

Pauta Cultural: Como era a equipe?

Aron Feldman: Era formada por uma turma de amigos meus, do Rio de Janeiro, que um dia me disse: "hoje você não vai filmar de chapéu, senão as mulheres te reconhecem na hora". A polícia também já conhecia a gente. Eles querendo tapar o sol com a peneira. Eram três mil mulheres. Seres humanos, pois ninguém nasce trombadinha, nenhuma mulher quer ser prostituta. É o sistema que vai induzindo a gente, que vai transformando. Você não quer ser mentiroso e é obrigado a ser mentiroso, você não quer explorar mas é explorado, prostitui a gente também, porque por dinheiro se faz tudo, infelizmente é assim...

Pauta Cultural: E os filmes operários?

Aron Feldman: Por incrível que pareça, com esse negócio de desemprego, ninguém se lembrou até hoje de fazer um filme especificamente sobre desemprego. Foi feito filme sobre greve, é verdade, e exibido no circuito comercial. Depois de **Anônimo Jr.** *eu não fiz mais longa-metragem porque me castraram e eu não vou investir, me endividar e não ter retorno. Sempre que podia, fazia um filme de vinte, de trinta minutos. Não ia fazer um filme como o do Leon Hirszman, que é sobre greve, e não tem nada sobre o desemprego. Sobre o desemprego mesmo me parece que* **O Pacote** *e* **Mariana, Paraná e Greve** *são únicos. O primeiro é sobre um metalúrgico nordestino, dispensado de uma multinacional e as conseqüências do desemprego. O outro mostra uma menina que vem do Paraná e vai cair logo no Grande ABC, onde são dispensadas milhares e milhares de pessoas. Em* **O Pacote,** *o operário depreda a fábrica mas só no pensamento, deu para perceber isso? Mais tarde isso aconteceu de verdade lá no ABC...*



João Augusto do Carmo e Nelaide Abdo em **Finito ou Infinito**

Pauta Cultural: Você filma o que gosta?

Aron Feldman: O que acontece é que eu não tenho produtor que fica em cima de mim. Isso é vantagem. Faço o que quero... não viso lucros, viso denunciar uma realidade que, às vezes, escapa — como em **Casqueiro** *— de milhares de pessoas que descem para Santos e não vêem aquilo lá, e eu vejo. Nós filmávamos aos sábados e domingos escondidos atrás da moita.*

Pauta Cultural: Você já foi chamado de "o eterno teimoso".

Aron Feldman: Só isso? Vou te citar: "cineasta maldito", "underground". O Jairo Ferreira citou o **Anônimo Jr.** *no livro "Cinema de Invenção" como "filme estranhíssimo"...cinema independente, cinema marginal, sei lá! tudo que é nome ou apelido eu tenho de monte.*

SEMPRE EM FRENTE

Pauta Cultural: Mas você é um dos poucos cineastas marginais que tem uma constância de produção independente.

Aron Feldman: É porque tem gente que desapareece. Faz, não tem condições, some. Eu faço aquilo que posso. Tinha quatro rolinhos de filme super-8mm. Juntei com material do meu arquivo e fiz **Finito ou Infinito.** *Já tive uma firma de produções cinematográficas registrada e nem mesmo depois que eu levei na cabeça com o meu longa (***O Mundo de Anônimo Jr.***) desanimei. É isso que sempre falo aos jovens, faça o que você gosta, se dá para ser poeta, escritor, músico, seja, enfrente. É difícil, eu já estou de cabelo branco mas continuo firme. Na minha firma eu fazia filmes comerciais, industriais, filmes para sobreviver. Mas tinha o outro lado que era de fazer o que queria, do jeito que eu queria expressar e mostrar.*

Pauta Cultural: No filme *Finito ou Infinito* **você mostra uma preocupação com os seres humanos, com o planeta, com a catástrofe nuclear. Como esse filme surgiu para você?**

Aron Feldman: Porque eu freqüentei esse local dos jovens, o bar, e vi como é que eles se comportam. Você vê no filme rapazes de todos os jeitos, eu não tenho preconceito contra ninguém, e aquelas moças que aparecem não são mulheres, são homens. Eu mostrei como é que são os jovens de hoje. Eu acho que eles têm toda a liberdade... Em **Anônimo Jr.** *mostrei-os fazendo sexo no asfalto. Em* **Finito ou Infinito** *queria fazer o personagem idoso, que é o que vocês serão daqui a 40 anos.*

Cleide Dall'Olio em **A Febre Nossa de Cada Dia.**

cir

Foi a partir de 1958, em Santo André, que o cinema se torna a paixão do fotógrafo Aron Feldman; com uma câmera Bell & Howel - 16mm de três lentes, realiza **Pinceladas**, *um filme experimental sobre cores e formas. A seguir,* **Insônia**, **Strip-Tease**, **Vida de Vagabundo**, **A Grande Bolada**, **O Encanto de Morfeu**, **A Presença da Ausente**, *os documentários* **Salvador** *e* **Ouro Preto**. *Esses filmes que Aron classifica como "experimentais" em geral não são considerados por ele como um trabalho a ser mostrado publicamente. É a partir de 1966 com* **Casqueiro**, *filme de denúncia social, que se inicia a filmografia de Aron engajada na proposta do "Cinema Novo".*

Com a mesma câmera Bell & Howel, auxiliado pelo filho Cláudio com um gravador na mão e um virtuosismo que a experiência em fotografia legou, Aron vai buscar na localidade de Casqueiro, próximo a Cubatão, o motivo de seu filme. Levado a conhecer melhor a vida dos meninos vendedores de caranguejo na Via Anchieta, rota essa tomada por milhares de paulistanos no fim de semana, Aron registra com belas imagens, influenciadas talvez pelo neo-realismo italiano, a pesca, a exploração dos meninos vendedores, a venda e repressão da polícia rodoviária que considera perigoso o comércio à beira da estrada. Uma crônica feita por Nair Lacerda no jornal **Tribuna de Santos**, *na qual relata a repressão revelada pelos meninos no filme, ocasiona na Câmara dos Vereadores uma manifestação de repúdio aos castigos praticados pelo Juizado de Menores.*

Esse filme, apresentado na IV Jornada

o prêmio de "Melhor Comunicação Social". Elogiado pela crítica, é convidado, entre outros, para projeções em países da América Latina. Isso estimula Aron e Cláudio a prepararem um novo filme, desta vez um média-metragem de 49 minutos: **A Febre Nossa de Cada Dia**. *Terminado às vésperas do IV Festival de Cinema Amador Jornal do Brasil/ MESBLA, o filme foi cortado em nove minutos para atender à exigência de tempo máximo do regulamento, mas acabou por ser apresentado fora do concurso devido à idade de Aron.*

O filme, apesar de ser considerado ambicioso e um pouco longo, foi elogiado pela sua clareza e correção. Mostra o cotidiano de uma família de classe média: a relação entre o casal, a relação com os filhos, a instabilidade no emprego, os valores sociais e um estafante fim de semana na praia devido ao trânsito na Via Anchieta. Em um determinado trecho da estrada, o pneu fura e a Kombi é assediada pelos meninos vendedores de caranguejo, numa clara alusão ao filme **Casqueiro**. *À maneira de Hitchcock, Aron faz sua aparição no filme como o sorveteiro da praia.*

O professor Izidoro Blikstein, do Departamento de Lingüística da USP faz a apresentação do filme e aponta em **A Febre Nossa**... *"uma nova tendência do cinema brasileiro: a análise da classe média encontra no filme de Feldman uma coerência de forma e conteúdo. Se o tema é o medo e perplexidade da classe média, o autor encontrou elementos formais para traduzir esse caos."*

Animado com a receptividade à sua pessoa e a **A Febre Nossa**..., *Aron promete*

Viagem ematográfica

certame, Aron se sente distoante: "sentem muita influência européia e sobretudo receio de encarar secamente a realidade brasileira...", declarou Aron para o **Diário do Grande ABC**.

A empreitada do filme longa-metragem vai custar dois anos, produzir dívidas e concluir com uma enorme frustração, mudando radicalmente a trajetória cinematográfica do cineasta.

Aron encomenda o roteiro de **O Mundo de Anônimo Jr.** a Cláudio, que se tornará o intérprete do personagem: um louco fugindo do hospício vai se refugiar no cemitério. Lá, com seu ratinho branco Papanatas, torna-se um observador dos valores humanos e da situação do país, mostrada simbolicamente com tipos políticos, figuras poderosas e gente oprimida. Anônimo é extrovertido e livre, não se importa com as aparências, faz amor em plena rua, convive com os coveiros e no fim escapa dos seus perseguidores, os enfermeiros do manicômio, e sai cantarolando pela estrada à maneira de Carlitos, talvez o seu inspirador ideológico.

Aron também aparece no início do filme, entre os loucos do hospital, enrolado em rolos de filme e usando uma placa: "Cineasta Brasileiro".

Foram dois anos de luta para a conclusão do filme, pertences pessoais foram vendidos, dívidas foram feitas, no fim o auxílio generoso de Primo Carbonari permite a finalização com o empréstimo da moviola do laboratório e do estúdio de som. Aron manda o filme para a Censura e o INC, num período difícil de repressão política em que os cineastas se vêem obrigados ao uso de metáforas e símbolos, acaba por criar uma linguagem fragmentada e hermética, da qual **O Mundo de Anônimo Jr.** não escapa; é o advento do "cinema marginal" no Brasil, marcante no período 68 a 74. Mas não é da Censura, e sim do Instituto Nacional do Cinema que o filme leva o seu maior golpe; considerado precário, não lhe é conferido o Certificado de Obrigatoriedade, na época imprescindível para sua exibição comercial.

O filme obtém apenas o Certificado de Nacionalidade, o de nº 0001, "... me fizeram o grande favor, alegando que o filme **O mundo de Anônimo Jr.** é filme nacional. É claro que é nacional; é suíço, é turco, é chinês?", ironiza hoje Aron, sem esconder uma ponta de mágoa. "O filme me foi castrado", conclui.

Inconformado com a decisão do INC, o diretor reúne em São Paulo críticos renomados para uma sessão especial do filme na salinha da Cinemateca do Cine Belas-Artes, no dia 20 de novembro de 1972. Distribui um questionário no final da projeção com itens específicos e obtém um resultado positivo. Paulo Emílio Salles Gomes escreve uma apresen-

. da no Folheto de divulgação e depois será publicada no "Anuário das Artes 72/74"(APCA) e no seu livro póstumo **Um intelectual na linha de frente** (Ed. Brasiliense, 1986, p. 303). "De Dentro de um Cemitério" se torna uma espécie de resposta à arbitrariedade do INC, na qual Paulo Emílio pergunta à guisa de conclusão: "Precariedade de quem?"

A Censura, talvez por saber que o filme estava destinado às prateleiras, fez apenas dois cortes; o primeiro numa cena em que Anônimo Jr. leva uma viúva para o seu jazigo e enquanto se ouvem murmúrios eróticos, a câmara passeia por velas acesas e estatuetas de santos quebradas. O segundo corte foi feito quando Anônimo vomita após um jantar com coveiros ao saber que comera "anjinho ao molho pardo". Essas duas cenas reincluídas no filme na exibição alternativa.

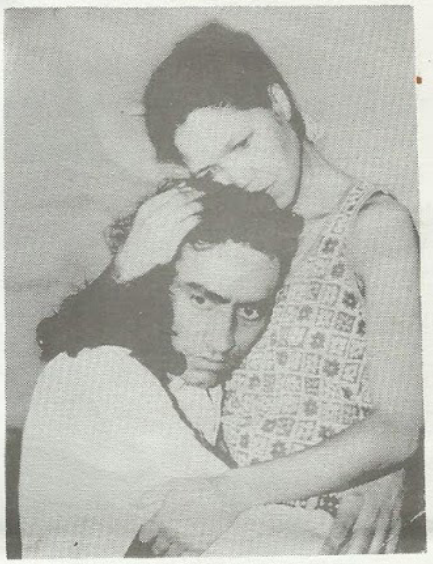
Aron tenta uma apelação à decisão do INC, mas o órgão se mantém irredutível. Tendo dívidas a pagar, Aron se dedica a sua produtora, produzindo para a indústria e instituições filmes de encomenda. Em agosto de 1976 envia para o semanário **Aqui São Paulo** uma doída missiva na qual revela toda a sua frustração: "Como é que o INC (hoje Embrafilme), que deveria ajudar o cinema nacional, encerrou definitivamente a minha honesta e criativa carreira de diretor?", termina a carta.

Primo Carbonari se propõe a auxiliar Aron e Cláudio para a realização de um novo filme; mas uma modificação ali, um palpite, a inclusão de uma cena erótica, levam o diretor e seu filho a desistirem do projeto.

Aron radicaliza sua posição de cineasta independente, projeta seus filmes em escolas, centros culturais, universidades, promovendo sempre um debate após a exibição; lhe interessa mais um pequeno público participativo do que o grande público dos cinemas.

Convidado e incentivado por amigos cariocas, Aron leva sua câmera 16mm para o Rio, a fim de documentar a destruição da parte histórica da cidade por causa das obras do Metrô. Realiza **Mangue versus Metrô**, um confronto entre a idéia de progresso e a memória cultural da cidade; no centro da questão está o drama das prostitutas que devem abandonar os cortiços a serem demolidos. O filme, sem diálogos, apenas com música e letreiros teve suas dificuldades de realização; perseguições de policiais e das prostitutas que fizeram Aron filmar escondido por trás de jornais abertos e dispensar seu habitual chapéu com o qual era reconhecido de longe. O filme transforma o Rio numa praça de guerra e os letreiros adquirem função dramática sem abrir mão do humor negro de Aron. "Aonde vamos?", "Aonde vamos?", "Nos Meter?"; dizem os letreiros após focalizar as prostitutas nas janelas dos casarões.

Em agosto de 1980 Aron inicia um novo filme, **Já não se Fazem Almas como Antigamente**. Baseado numa estória de Cláudio e ainda chateado com a titulação de "filme precário" para **O Mundo de Anônimo Jr.**, Aron opta por um trabalho de apresentação técnica irrefutável, a cores e com enredo cômico sobre a procura de uma alma pura nos dias de hoje. Uma alma pura chega ao céu, de onde virá? Existe ainda uma alma pura no planeta terra? Os anjos recepcionistas telefonam a São Pedro, que prepara uma enquete. Cenas entrecortadas mostram os diversos porões do inferno: multidões passando pelo centro de São Paulo filmadas sob fortes filtros cor vermelha. O enigma é desfeito, o ser de alma pura veio de outro planeta. Como se observa no enredo, Cláudio e Aron, apesar do tom de comédia, não abandonam o sarcasmo que lhes é característico. O filme começa com uma animação muito bem



Wilson Damas e Gê Garcia em **O Pacote**.

feita por Mireille Lerner; Adão perseguindo Eva no Paraíso, e é assim que o filme começa: Adão e Eva abrem os olhos, se conhecem e se perseguem numa alusão ao início da humanidade. O Adão é vivido pelo ator negro Edson de Deus, mais uma travessura de Aron para os olhos de um espectador preconceituoso, e a atriz é Valdeni de Carvalho, ambos profissionais do Teatro Oficina. Os outros atores foram requisitados entre amigos e familiares; os filhos Sérgio e Ida, a neta Valéria. A música foi composta especialmente por Getúlio Braga e chegou a ser gravada em disco. Aron transformou a sala de sua casa no cenário do céu e este é curiosamente seu único filme feito em estúdio. Como temática, Aron irá compará-lo a seu recente **Finito ou Infinito** (1986).

O filme foi lançado no Centro Cívico de Santo André, em abril de 1981, e nesse período Aron Feldman é convidado para retrospectivas como a do 1º Encontro Brasileiro de Arte Independente no SESC, onde **O Mundo de Anônimo Jr.** provoca um debate inesperado.

1981 é também o ano em que a economia sofre uma forte crise; o desemprego na indústria é o pior de três décadas e os metalúrgicos do ABC são os mais atingidos. No campo político, a bomba do

Ficha técnica

CASQUEIRO *16mm, p/b, 16 min. 1966.*
Direção, Produção, Fotografia, Montagem, Som: Aron Feldman
Assistente: Cláudio Feldman
Cooperação: José Armando Pereira da Silva
Distribuição: Dinafilmes - fone: 221-3641

A FEBRE NOSSA DE CADA DIA *16mm, p/b, 49 min., 1968.*
Direção, Produção, Fotografia, Montagem, Som: Aron Feldman
Ass. Direção: Cláudio Feldman
Roteiro: Aron e Cláudio Feldman
Elenco: Cleide Dall'Olio, Ari de Oliveira, Celsinho e Soraia, Célia Bittencourt, Oslei Delamo, Sonia Gimenes, Evaristo de Jesus, Gilberto Castilho.
Distribuição: Dinafilmes

O MUNDO DE ANÔNIMO JR. *35mm, p/b, 90 min., 1972.*
Direção, Produção, Fotografia, Montagem, Som: Aron Feldman
Ass. Direção e Roteiro: Claudio Feldman
Músicas: Fred Zimmermann e Flávio Siqueira
Elenco: Cláudio Feldman, Cila Albuquerque, Oslei Delamo, Ângela Peduto, Sonia Guedes, José Henrique de Paiva Lisboa, Carlos Rivani, Jaime da Costa Patrão.
Estúdio de Gravação, Montagem e Laboratório: Primo Carbonari
Distribuição: Dinafilmes

MANGUE X METRÔ *16mm, p/b, 10 min., Filmado no Rio de Janeiro, 1976.*
Direção, Produção, Fotografia, Montagem, Som: Aron Feldman
Arte: Mireille Lerner
Assistentes: Roberto Peckman, Abram Gotlib, Issac Levi, Felipe Doctors.

JÁ NÃO SE FAZEM ALMAS COMO ANTIGAMENTE *16mm, cor, 20 min., 1981.*
Direção, Produção, Fotografia, Montagem, e Som: Aron Feldman
Roteiro: Cláudio Feldman
Música: Getúlio Braga
Gravação: Adelmo Vanuchi
Abertura e Desenhos: Mireille Lerner
Cartazes: Moacir Torres
Colaboração: Cláudio Feldman, Edmundo Lima, Fani Feldman
Elenco: Edson de Deus, Valdeni de Carvalho, Sérgio Feldman, Neide F. Oliveira, Sérgio Luiz F. Soler, Valéria Feldman, Ida Feldman.
Distribuição: Dinafilmes

Aron e Cláudio Feldman nas filmagens de **Casqueiro**.

Trajetória

Vindo da fotografia, que o tornou conhecido nos salões nacionais e internacionais das décadas de 40 e 50, Aron Feldman encontrou no cinema algo mais completo. Somando seu talento visual à mania de escrever histórias (é autor de duas novelas imaturas e inéditas), cometeu sua primeira película aproveitando os parentes e a vizinhança como assunto. **Pinceladas**! *Isto ainda em Bauru e com máquina alheia. Em 1959, já em Santo André, comprou sua própria "Paillard" 16mm e, fascinado e aturdido com o ambiente da Grande São Paulo, rodou* **Insônia,** *mistura de símbolos oníricos e agitação urbana causadora da noite mal dormida. Nesta segunda película, muda como todas as outras até* **Casqueiro** *(1966), pode-se encontrar um conjunto de características que aparecerão, em variados graus, nas obras seguintes (***Vida de Vagabundo, A Grande Bolada, Strip-Tease, O Encanto de Morfeu** *e* **A Presença da Ausente***): ênfase no visual, trucagens, ambientes naturais, humor, lirismo, mistura de sonho com realidade, um ou outro toque social; no final das contas, algo bem ingênuo que, acrescentado à falta de som, lembra, freqüentemente, o cinema mudo. Os atores inexperientes, de um modo geral familiares do realizador, podiam tanto arruinar quanto conferir um tom de naturalidade aos curta-metragens. Com* **A Presença da Ausente,** *o filme mais sofisticado desta primeira fase, inclusive pelo uso simbólico das cores, Aron, o homem-equipe, conseguiu um padrão técnico de primeira qualidade, embora o roteiro manquejasse em inúmeras incoerências. Isto em 1962, época do Cinema Novo. Aron, tomando contato com a ebulição que ocorria no ambiente cinematográfico, deixou-se contaminar. Graças a um prêmio que ganhou na TV, num programa cultural, foi de avião à Bahia, e aí realizou* **Salvador,** *curta-metragem de seu novo ciclo: o de cinema social. Sem acrescentar nada ao que já estava sendo feito pelos próprios baianos, o oitavo filme de Aron serviu para afastá-lo de vez da ingenuidade e torná-lo contemporâneo de si mesmo. Em 1964, repetiu a dose com* **Ouro Preto,** *documentário a cores, cuja maior façanha foi não dar ênfase alguma aos monumentos históricos, preferindo fixar o povo da cidade, no seu dia-a-dia, à espera, talvez, de outro Tiradentes, a salvo da "Redentora". A câmera, como em quase todos os filmes anteriores ou vindouros, despreza o tripé para andar, dançar ou deslizar nas mãos do cinegrafista-diretor.*

Aliás, algo que Aron sempre utilizou, bem antes do famoso "slogan" de Gláuber, foi "câmera na mão e uma idéia na cabeça". Pena que a maioria destas idéias fosse tão cândida! Em 1966, já maduro na vida e na arte, Aron lançou sua primeira obra mais significativa: **Casqueiro,** *documentário sobre os pequenos vendedores de siris e caranguejos. Com uma belíssima fotografia, que capta os contrastes entre a negrura do mangue e a brancura da Via Anchieta, o filme, além de mostrar um pequeno núcleo de economia marginal, também denuncia a repressão da polícia rodoviária aos menores vendedores.* **Casqueiro,** *que fez boa figura no II Festival JB-Mesbla, no Rio, ganhou prêmios nos festivais de Fortaleza e Hiroshima no Japão. Após ser exibido em países da América Latina, ainda percorre universidades norte-americanas. Animado pela repercussão de* **Casqueiro,** *Aron preparou e realizou o média-metragem* **A Febre Nossa de Cada Dia,** *filme sobre a classe média paulistana, contemporânea do AI-5. Com atores infiltrados em ambientes naturais, uso tanto do som direto quanto do indireto, dinâmica fotografia, humor e crítica às estruturas sociais, é obra mais complexa que* **Casqueiro,** *porém não teve a mesma acolhida. Considerando que já estava mais do que apto a enfrentar um longa-metragem, optou por* **O Mundo de Anônimo Jr.,** *roteiro de Cláudio Feldman, no qual havia uma sátira delirante à sociedade verde-amarela, com alguma coisa do tropicalismo. O filme, que teve início*

O PACOTE *16mm, p/b, 27 min., 1982.*
Direção, Produção, Fotografia, Montagem.
Som: Aron Feldman
Estória: Cláudio Feldman
Adaptação: Aron Feldman
Música: Elmano Nunes Jr. (Maninho)
Elenco: Wilson Damas, Gê Garcia.
Distribuição: Dinafilmes

MARIANA, PARANÁ E GREVE *super-8 mm, cor, 36 min., 1984.*
Direção, Produção, Fotografia, Montagem,
Som: Aron Feldman
Baseado no conto "Os Conselhos" de Roberto Franco
Adaptação: Aron Feldman
Elenco: Marli Aparecida Ferreira da Silva, Adélio Oliveira, Agenor Alberto Pereira Chagas, Ariel Moche, Cristine Del'aqua, Eliane Freitas Trevigno, Marlene, Geovan Sabino, Manoel de Araujo, Maria Aparecida Norberto, Maria Aparecida Viotto, Nelson Paiva, Wanderlei A. de Sousa, Valdir de Oliveira.
Colaboração: Divisão Cultural de Diadema, Manoel de Araujo, Mireille Lerner, Ida Feldman.

VOU SER LADRÃO *super-8mm, cor, 20 min., Belo Horizonte, 1985.*
Direção, Produção, Fotografia, Montagem,
Som: Aron Feldman
Entrevistas e Narração: Ida Feldman

FINITO OU INFINITO *super-8mm, cor, 20 min., Belo Horizonte, 1986.*
Direção, Produção, Fotografia, Montagem,
Som: Aron Feldman
Roteiro: Aron Feldman
Elenco: Helvécio Ferreira, João Augusto do Carmo, Ana Aguinala, Lana Carneiro, Nelaide Abdo.
Ass. Direção: Fábio Carvalho
Iluminação: Tárcio Martins

A ODISSÉIA DE UM CADÁVER *vídeo VHS, 70 minutos, cor, 1988.*
Roteiro: Cláudio Feldman.

Lara Carneiro em **Finito ou Infinito.**

Fontes Bibliográficas

Dossiê Aron Feldman. *Pesquisa de Albert Roger Hemsi. Arquivo Multimeios da Divisão de Pesquisas do CCSP. Rua da Figueira, 77. Matérias jornalísticas, cartazes, fotos, entrevista, folhetos e texto.*

Cinema de Invenção. *Jairo Ferreira. Embrafilme/ Max Limonard, 1986.*

Um Intelectual na Linha de Frente. *Paulo Emílio Salles Gomes. Brasiliense, 1986.*

em 1969, ficou pronto para o Festival de Brasília, em fins de 1971. Sem nenhuma ajuda oficial, vendendo até coisas de uso próprio para poder financiá-lo, Aron não teve a tranqüilidade nem os recursos exigidos para dotá-lo de um perfeito acabamento, por isso o finado INC considerou o filme de má qualidade, impedindo sua exibição nos cinemas, fato que não aconteceu com mediocridades bem envernizadas, contemporâneas de **O Mundo de Anônimo Jr.** *As invenções visuais, a intensa criatividade, o sarcasmo contras as instituições (das quais o INC era um considerável setor, aliado à censura) ganharam nota zero. Arrasado, Aron recolheu-se ao seu cotidiano familiar, condenado a ser apenas espectador de cinema. Mas, anos depois, solicitado por alguns amigos cariocas, revoltados com a derrubada do casario histórico da Cidade Maravilhosa para a construção do Metrô, Aron resolveu voltar à ativa. Foi ao Rio de Janeiro e documentou, num paralelo irônico, as ruínas causadas pelo Metrô e a zona do meretrício.* **Mangue X Metrô,** *com suas cores agressivas, desenhos e letreiros debochados e uma trilha sonora que mistura o pipocar de metralhadoras (ou britadeiras?) e o "Danúbio Azul", consegue fugir do documentário formal tipo "Globo Repórter", para se transformar numa colagem ao mesmo tempo ácida e poética. Com o triste episódio de seu longa já diluído na memória, Aron dirigiu, em 1981,* **Já Não se Fazem Almas como Antigamente,** *deliciosa sátira às inviáveis idéias maniqueístas de Céu e Inferno, na atualidade. O filme, que contou com atores do "Teatro Oficina" e da "Fundação das Artes", de São Caetano, trouxe, além do tema, outra novidade na obra de Aron: o uso de cenário em rodagens internas. No ano seguinte, sensibilizado pela mobilização operária no Grande ABC, Aron resolveu realizar um filme que mostrasse a situação do assalariado. Com roteiro de Cláudio Feldman, rodou* **O Pacote.** *Este filme, com atores teatrais que conseguiram aderir à autenticidade documentarista, infiltrados mais uma vez em ambientes naturais, mostra um desempregado que perambula pela cidade, desesperadamente, sem ânimo de voltar para casa. O tom neo-realista periclita com a presença simbólica e, obviamente, ambígua, de um estranho pacote na mão do operário. Em 1984, com o total apoio da prefeitura petista de Diadema e atores dessa cidade, Aron filmou, baseado num conto de Roberto Franco,* **Mariana, Paraná e Greve.** *A obra, que também enfoca o tema trabalhista como* **O Pacote,** *mostra, porém, outro aspecto: a greve. Entremeando atores em ambientes naturais com noticiários da TV, o filme consegue ser um testemunho válido do seu tempo, embora seja esteticamente inferior a* **O Pacote.** *No final desse ano, Aron aposentou-se e resolveu mudar-se para Belo Horizonte, onde já vivia seu filho Sérgio. Se o cinema paulista, tão rico de manifestações cinematográficas, perdeu um injustiçado e marginal cineasta (marginal até do próprio cinema marginal da Boca do Lixo), o cinema mineiro adotou-o prontamente, com deferência. Comovido, realizou* **Vou Ser Ladrão,** *documentário sobre a infância abandonada de BH, talvez seu pior filme, por falta de ambientação na cidade e nenhuma brilhante análise do que presenciava. Mas* **Finito ou Infinito,** *produzido em 1986, é muito melhor e traz uma temática inédita na obra de Aron: trata-se de uma parabólica película de ficção científica, na qual ocorre o fim do mundo devido às explosões nucleares. Um dos sobreviventes, interpretado pelo ator brechtiano Helvécio Ferreira, consegue transmitir um patético e poético tom apocalíptico. Renovando-se sempre, apesar dos 67 anos, Aron resolveu, em 1987, aderir ao vídeo, rodando um roteiro de Cláudio Feldman, que estava inédito há 15 anos. Encomendado, inicialmente, por Primo Carbonari, com o título de* **A Boneca do Matagal,** *o roteiro, bastante reformulado, transformou-se em* **A Odisséia de um Cadáver,** *com gravações em Sabará e Belo Horizonte. Numa espécie de novela picaresca, dois roceiros conduzem um cadáver que encontraram no mato, à distante delegacia. Este ato de solidariedade lhes trará muitos aborrecimentos. Com esta obra de humor negro, que às vezes lembra Buñuel, Aron está comemorando 30 anos de cinema. Uma longa trajetória, tão acidentada quanto a dos personagens de sua recente obra. Mas que demonstra em Aron fidelidade a si mesmo, persistência e, sobretudo, uma cálida visão dirigida a seus semelhantes.*

Claúdio Feldman

Visão *fotografia anos 50*

Programação

Abertura da exposição no dia 3 de fevereiro às 20 horas, com a pré-estréia do vídeo "A Odisséia de um Cadáver"

Ciclo de filmes, às 19h:
4/2: "Casqueiro"; "A Febre Nossa de Cada Dia"; "Já não se Fazem Almas Como Antigamente".
5/2: "Mariana, Paraná e Greve"; "Vou Ser Ladrão"; "Finito ou Infinito".
6/2: "Mangue versus Metrô"; "O Mundo de Anônimo Jr."
7/2: "O Pacote"; "Casqueiro". **Debate com Aron Feldman.**

Créditos

Equipe Técnica de Cinema
Divisão de Pesquisas
Pesquisa: Albert Roger Hemsi
Projeto Gráfico: Ricardo Mendes e Yvonne Saruê
Arte-final: Zelinda Maria Gandolfi
Fotos de Aron, Ida Feldman e Albert Roger Hemsi
Apoio EMBRAFILME